



ENSINO EM  
ARQUITETURA E URBANISMO

## POR UMA TESSITURA DE SABERES

MARCELA SILVIANO BRANDÃO LOPES

Escola de Arquitetura da UFMG, Belo Horizonte, Brasil, marcelasbl.arq@gmail.com

DENISE MORADO NASCIMENTO

Escola de Arquitetura da UFMG, Belo Horizonte, Brasil, dmorado@gmail.com

### RESUMO

Percebemos haver na prática arquitetônica uma maneira equivocada de se fazer a interação dos diversos conhecimentos, seja por confundi-la com a elaboração do projeto, por ignorar aqueles saberes advindos da prática cotidiana construtiva, por reduzir a questão urbana ao estudo do entorno do lote no qual uma determinada edificação será construída ou por dissociar as questões estéticas das éticas e políticas. Tais equívocos nos levaram a questionar o conceito do que seja o contemporâneo, e qual seria o papel do ensino na atualidade. Diante dessas questões, desenvolvemos algumas disciplinas e oficinas vinculadas à Escola de Arquitetura da UFMG, no intuito de promover no território ações que fossem arquitetônicas e políticas ao mesmo tempo. A partir dessas experiências, percebemos a necessidade de alguns deslocamentos, tanto conceituais quanto práticos, que fossem capazes de transformar as práticas arquitetônicas convencionais, no que se refere: ao papel do arquiteto (da solução de problemas à proposição de questões), aos meios de comunicação/representação usados (da linguagem cifrada às mídias abertas e diversificadas) e da própria noção de projeto (do projeto-designio ao projeto-ação).

**Palavras-chave:** projeto, saberes construtivos, invenção, política

### ABSTRACT

We realize that in the architectural practice there is a mistaken interaction of the diverse knowledge, by understanding it only as design, by ignoring those knowledges that come from everyday building practice, by reducing the urban environment to the plot study in which a particular building will be built or by disassociating aesthetic questions of ethics and politics. These misconceptions have led us to ask about the concepts of what is contemporary and what is the role of education nowadays. Given these issues, we have developed disciplines and workshops into the School of Architecture at UFMG, in order to promote actions within architectural and political context at the same time. From these experiences, we realize the need for some shifts, both conceptual and practical, that might be able to transform the conventional architectural practices, regarding: the role of the architect (from the search for solutions to the problems to the proposition of questions), the means of

*Congresso Internacional "O que é uma escola de Projeto na contemporaneidade – Questões de ensino e crítica do conhecimento em Arquitetura e Urbanismo", São Paulo, Brasil, 01 a 09 de Setembro 2013.*

*FAU UPM – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, Brasil; INIFUA – Instituto de Investigación – Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Artes. Universidad Nacional de Ingeniería. Lima, Peru.*

communication / representation used (from the codified language to open and diverse media) and the notion of project itself (from the project-design to design- action).

**Keywords:** design, constructive knowledge, invention, politics

## 1 INTRODUÇÃO

Em várias escolas de arquitetura brasileiras os ateliês de projeto são os lugares nos quais os alunos irão aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos nas demais disciplinas.

Com relação aos saberes tecnológicos, espera-se que, na elaboração do projeto de alguma edificação, o aluno seja capaz de compatibilizar as suas diversas engrenagens: arquitetônicas, estruturais e de instalações. Entretanto, quando se fala em integração do processo construtivo, não é comum a inclusão dos saberes surgidos no fazer construtivo, inventados no trato com os materiais e suas respectivas ferramentas. Mesmo quando há canteiros experimentais nas escolas de arquitetura, muitas vezes, as atividades desenvolvidas ali são reduzidas à demonstração e constatação dos ensinamentos tecnológicos apreendidos em sala de aula.

No que se refere a inserção das questões urbanas na problemática do projeto de edificações, o mais recorrente é uma análise do “entorno” do lote para o qual a edificação será projetada, sendo que os condicionantes físicos e visuais predominam nesse estudo. Ou seja, na maior parte das vezes não é problematizada a relação do edifício com as implicações sociais e políticas do contexto no qual será inserido.

Quanto às abordagens relativas à análise crítica da arquitetura, mais especificadamente aos seus quesitos artísticos, essa dinâmica é ainda mais problemática, tendo em vista o fato de que alguns alunos não conseguem articular a teoria ao projeto, tentando subsidiar/legitimar seus projetos por meio delas, ou adotando um “estilo” arquitetônico em função apenas do modismo vigente, sem nenhum fundamento ético, político, social e ambiental. Em alguns casos, recorre-se às publicações de revistas especializadas, como se fosse um “álbum de figurinhas” ou um cardápio de opções formais difundidas pela “alta arquitetura” disponível para sua apropriação *prêt-à-porter*. Nessas situações, o critério predominante de seleção costuma ser sua força imagética, visto que em muitas dessas publicações pouco ou nada se explica dos procedimentos e estratégias que nortearam as decisões daquele projeto. O resultado desse procedimento pode ser percebido na repetição acrítica das composições ditadas na temporada, advindas na maior parte da arquitetura contemporânea produzida além-mar.

Mas justamente daí surge a questão, o que é ser contemporâneo na prática da arquitetura? Agamben nos apresenta uma definição, na qual há uma contradição fundamental:

Pertence realmente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado a suas pretensões, e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e de apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p.58)

Se concordamos com o paradoxo apresentado, como deveria ser o ensino dessa arquitetura contemporânea? Apenas “capacitar” o aluno a traduzir espacialmente possíveis demandas, produzindo e reproduzindo uma lógica consumista e descartável ou seria possível que houvesse um maior estímulo à crítica e ao questionamento na academia? Ensinar é transmitir paradigmas institucionalizados, repetir modelos, garantir sucesso ou pôr em questão, movimentar?

A partir dessas colocações, desenvolvemos algumas disciplinas e oficinas vinculadas à Escola de Arquitetura da UFMG, na perspectiva de encontrarmos maneiras de aproximarmos as questões projetuais das construtivas e das urbanas, buscando ações que fossem práticas arquitetônicas e políticas no território.

## 2 OFICINAS

Nossa pesquisa se deu a partir de intervenções urbanas-construtivas, nas quais começávamos, na maior parte das vezes, pelo mapeamento dos problemas e soluções já engendradas no espaço, numa parceria entre universidade (alunos e professores) e moradores do território em questão. Buscávamos, a partir dos mapeamentos, não apenas as regularidades que compunham aquele contexto, mas também as exceções, os ruídos, os resíduos que escapavam da sua sistematização.

Nosso objetivo era o desenvolvimento e execução de soluções construtivas, pertinentes à situação urbana, e resultantes do encontro do saber acadêmico com o não-acadêmico, tal como propõe Boaventura de Souza Santos para uma “ecologia dos saberes”, tendo em vista que:

“A pobreza da experiência não é expressão de uma carência, mas antes a expressão de uma arrogância, a arrogância de não se querer ver e muito menos valorizar a experiência que nos cerca, apenas porque está fora da razão com que a podemos identificar e valorizar. (SANTOS, 2002, p.245)

Há de se perceber que evitamos usar aqui o termo “campo empírico”, usualmente utilizado nas pesquisas acadêmicas. Tal opção se justifica pelo entendimento que esse termo está atrelado a conceitos e métodos da ciência, baseados em uma abordagem geralmente quantitativa dos eventos que se pretendem analisar, buscando-se a comprovação das teorias pré- estabelecidas, através da observação e experimentação de eventos isolados em laboratórios. Em nossas oficinas, a prática não estava apartada da teoria, ao contrário, nosso pensamento era ação e nosso fazer, pensante.

## 2.1. Situando as oficinas

As práticas abordadas nesse trabalho estão associadas a projetos do grupo PRAXIS<sup>1</sup>, com exceção de duas. Todas objetivavam a construção e o reforço da tríade pesquisa, ensino e extensão. Sendo assim, todas aconteceram fora da Escola de Arquitetura, em contextos urbanos diversos, e pressupunham a participação ativa dos alunos e professores, como também dos moradores dos espaços nos quais foram feitas as intervenções.

Duas das atividades que aconteceram no município de Nova Lima, Minas Gerais, e foram desenvolvidas tendo como ponto de partida um termo de cooperação técnica firmado entre a Prefeitura Municipal de Nova Lima (PMNL) e o grupo PRAXIS. Apesar da interrupção desse acordo por parte da administração municipal, prosseguimos com as atividades em andamento no município.

Vale situar que o referido termo é, de certa forma, consequente da Lei Nº 11.888/2008, criada para dar assistência técnica pública e gratuita a famílias de baixa renda (até 3 salários mínimos) em assuntos relativos à projetos e construções de habitação de interesse social, como parte integrante do direito social à moradia.<sup>2</sup>

Entretanto, o entendimento que o grupo faz desta lei pressupõe a participação e o envolvimento dos seus beneficiários, buscando, assim, evitar posturas paternalistas e assistencialistas, nas quais não creditamos possibilidades reais de transformação. Como já anunciado, nosso objetivo era, e continua sendo, agregar ações críticas e criativas para a invenção de algo a ser construído coletivamente.

---

<sup>1</sup> [www.arq.ufmg.br/praxis](http://www.arq.ufmg.br/praxis)

<sup>2</sup> O artigo 5o da Lei Federal 11.888/2008 prevê convênios ou termos de parceria entre o ente público responsável e as entidades promotoras de programas de capacitação profissional, residência ou extensão universitária nas áreas de arquitetura, urbanismo ou engenharia para capacitar os profissionais e a comunidade usuária para a prestação dos serviços de assistência técnica.

## **2.2. Jardim Canadá: Disciplina optativa - Artesanias Construtivas<sup>3</sup>**

Iniciamos em junho de 2011, nossa aproximação com o bairro Jardim Canadá, através do projeto Diálogos do grupo PRAXIS, e em função do termo de cooperação assinado entre o grupo e o poder público local. Localizado no município de Nova Lima, o bairro se distancia da sede em 30 km e da porção sul de Belo Horizonte em 12 km, e seu acesso principal é feito pela BR-040. Configura-se como uma mancha urbana cercada por áreas de mineração e de proteção ambiental. A vizinhança mais próxima é de condomínio fechados destinados à moradia de alta renda. Tal configuração resultou em uma ocupação diversificada, composta por postos de gasolina, restaurantes, serviços e comércios variados para atender as demandas locais, e habitações tanto de trabalhadores da região, quanto de pessoas de classe média, que não possuem o mesmo poder aquisitivo daquelas que moram nos condomínios vizinhos, mas estavam interessadas nos atrativos naturais da região. Além disso, há ali vários galpões industriais de diferentes portes, cuja produção inclui variados resíduos, desde pedras decorativas, madeiras, peças metálicas, tecidos, etc.

Diante de tal diversidade, elegemos o Jardim Canadá como local para desenvolver uma disciplina optativa, cujo propósito era a construção de algum equipamento coletivo, a partir dos resíduos catalogadas por outro projeto de extensão do grupo PRAXIS, o DESEJACA<sup>4</sup>.

Antes do início da disciplina “Artesanias construtivas”, contactamos algumas instituições do bairro e agentes da prefeitura, no intuito de compreender as relações políticas e institucionais existentes ali e articular parcerias que pudessem contribuir com as propostas acadêmicas. A partir da troca de informações surgiu a proposta de re-elaboração das barracas fornecidas pela prefeitura para feiras de artesanato no bairro. Os encontros com os artesãos aos sábados eram alternados por aulas nas terças à tarde, que aconteciam na Escola de Arquitetura. Essa dinâmica foi pensada para que as atividades práticas fossem entremeadas por reflexões sobre essas práticas.

## **2.3. Capela Velha: Diálogos e OFIAUP<sup>5</sup>**

A segunda prática acadêmica foi uma parceria do PRAXIS, através do seu projeto de extensão Diálogos, com uma disciplina regular do curso noturno da Escola de Arquitetura da UFMG, OFIAUP, e aconteceu no bairro Capela Velha. Situado no distrito de São Sebastião das Águas Claras, mais conhecido como Macacos, distante da sede do município de Nova Lima em aproximadamente 12 km.

<sup>3</sup> Ver mais detalhes em: [www.arq.ufmg.br/praxis/blog/artesanias\\_construtiva](http://www.arq.ufmg.br/praxis/blog/artesanias_construtiva)

<sup>4</sup> Ver mais detalhes em: <http://programadesejaca.wordpress.com/2011/07/25/residuos-jardim-canada/>

<sup>5</sup> Ver mais detalhes em: [www.arq.ufmg.br/praxis/blog/dialogos\\_nova\\_lima](http://www.arq.ufmg.br/praxis/blog/dialogos_nova_lima)

O bairro foi indicado para nossas ações extensivas pelo próprio poder público local, diante do, já citado, termo de cooperação assinado com o PRAXIS, por ser considerada área de risco alto e/ou muito alto e de haver ali uma população que se enquadrava na renda estipulada pela Lei de Assistência Técnica. A maior parte das moradias são construções feitas de maneira precária, em terrenos cuja declividade é muito grande e com pouca permeabilidade do solo. Como não havia pavimentação das ruas, nem drenagem, tais características provocavam muita poeira na época de estiagem, e muitas enxurradas nas chuvosas.



Figura 1: Capela Velha  
Fonte: Praxis

O sistema de esgotamento sanitário existente é feito através de fossas individuais para as águas negras e as águas cinza são lançadas diretamente nas vias de acesso. Considerando a presença de mananciais de água no entorno, o esgotamento era um problema urgente a ser resolvido. Todo o bairro possui abastecimento de água e coleta de lixo. Os moradores entrevistados disseram ter escolhido o local para morar devido a sua tranquilidade e pela natureza do entorno. São aproximadamente 115 domicílios, além de vários lotes vagos.

Nossas atividades se iniciaram no segundo semestre de 2011 através de contatos com os moradores do bairro, em reuniões à noite e finais de semana, nas quais foram discutidos os problemas prioritários que deveríamos abordar. Foram eleitos cinco temas (esgoto, pavimentação e drenagem, capela do velório, praça da entrada do bairro e campo de futebol), para os quais foram discutidas as possibilidades de soluções e desenvolvidos projetos.

No primeiro semestre de 2012 houve continuidade dessas ações na mesma disciplina, com outro grupo de alunos envolvidos no processo. A proposta desta vez era a construção efetiva de um dos temas discutidos e desenvolvidos anteriormente. A decisão tomada pelos moradores e estudantes foi a construção de um muro de contenção na praça da entrada do bairro, com a utilização de pneus descartados. As tarefas relativas ao transporte dos pneus

doados, disponibilização de ferramentas, compra dos materiais extras (areia, cimento, arame, etc) foram, então, distribuídas entre todos.

Por fim, foi organizado um mutirão, que envolveu professores, alunos e moradores. Todos contribuíram de alguma maneira, seja na construção efetiva do muro ou em tarefas mais simples, tais como corte de arame e amarração dos pneus, organização do lanche e almoço para todos, etc.

#### 2.4. Jardim Canadá: Workshop Casa da Ivete<sup>6</sup>

O workshop de reforma da Casa da Ivete, no bairro Jardim Canadá, Nova Lima, foi um desdobramento da disciplina Projetos Sócio-Ambientais<sup>7</sup> cuja proposta era o desenvolvimento de um projeto de reforma para a casa da faxineira do JACA<sup>8</sup>, uma instituição artística sediada no bairro.



Figura 1: Casa da Ivete  
Fonte: programadesejaca.wordpress.com

Durante a disciplina foram discutidos vários assuntos relativos ao Jardim Canadá, desde sua inserção na região metropolitana, os efeitos da vizinhança com as áreas de mineração, proteção ambiental e condomínios de alta renda. Além disso, o bairro sedia várias indústrias de médio e pequeno porte, e, conseqüentemente, há ali variados tipos de resíduos.

Os projetos foram, então, desenvolvidos a partir dessas discussões e de algumas conversas com a Ivete e seus familiares. A busca por linguagens claras e que estimulassem uma interação dinâmica entre nós e a família foi um desafio. A definição final foi que a frente da casa seria o objeto da reforma a ser executada durante a semana do Workshop, numa parceria entre nós, professores e alunos, a Ivete e sua rede social, que incluiria irmãos e parentes que já trabalhavam na construção civil e os artistas residentes no Ja.ca. Todos os

<sup>6</sup> Ver mais detalhes em: <http://programadesejaca.wordpress.com/2012/07/05/workshop-casa-da-ivete/>

<sup>7</sup> Disciplina ministrada pelas professoras Dra. Juliana Torres de Miranda e Dra. Natacha Rena  
Ver mais detalhes em: <http://programadesejaca.wordpress.com/category/dis-socioambiental/>

<sup>8</sup> Ver mais detalhes em: <http://jacaarte.org/>

materiais a serem usados ali deveriam ser oriundos do descartes das empresas locais ou obtidos através de parcerias articuladas durante a disciplina.

## **2.5. Workshop Cidade Eletrônica<sup>9</sup>**

A proposta apresentada pela comissão organizadora dos Workshops do evento Cidade Eletrônica 2012 se baseava na integração entre coletivos internacionais, professores locais e estudantes de arquitetura, urbanismo, design e artes, visando um trabalho coletivo e cooperativo, com um caráter político-social. O tema “ativismo urbano” se referia a novas práticas subversivas e de resistência e modos de apropriação do espaço público, a partir das suas relações com a vida cotidiana.

Tínhamos como objetivo a criação de módulos para arquibancadas, construídas com resíduos previamente selecionados, a partir de uma ação coletiva e colaborativa, a ser realizada ao longo da semana do evento, em oficinas de marcenaria e serralheria. Tais módulos seriam instalados na Rua Sapucaí, bairro Floresta, no dia do evento final.

## **3. DESLOCAMENTOS**

A experiência das oficinas nos fez perceber a necessidade de alguns deslocamentos, tanto conceituais quanto práticos, que fossem capazes transformar as limitações das práticas arquitetônicas convencionais, no que se refere à interação dos vários saberes envolvidos na elaboração de projetos.

### **3.1. Da solução de problemas à proposição de questões**

É recorrente se associar arquitetura com solução de problemas. A própria noção de planejamento e projeto, seja na escala do urbano, do edifício ou do objeto, ainda está vinculada aos conceitos de organização, funcionalidade e setorização, todos associados a critérios e referências pré-definidos. No caso de intervenções urbanas, normalmente o trabalho se inicia com a elaboração de um “Relatório de Diagnóstico”, ou seja, com a suposição de que algo está doente e precisando de tratamento e remédios.

Mas, se consideramos não haver certo e errado universal, não cabe esse tipo de intervenção. As várias maneiras que as pessoas encontram e decidem sobre a produção e apropriações do espaço não estão necessariamente erradas, precisando ser demolidas e substituídas por aquelas definidas pelas normas científicas.

---

<sup>9</sup> Ver mais detalhes em: <http://www.festivaleletronika.com.br/>



Em todas as práticas acadêmicas relatadas, partimos do pressuposto que as realidades não são dadas exclusivamente pelas estatísticas e mapas oficiais, e que a explicitação de determinados dados em detrimento de outros está, quase sempre, associada a valores e interesses que a antecede.

No intuito de subvertermos essa metodologia, buscávamos evidenciar aquilo que não se costuma considerar importante, a partir de um mapeamento dos problemas apontados pelos próprios moradores, como também de uma cartografia das soluções encontradas por eles diante das limitações e dos recursos disponíveis no seu cotidiano.

Conseqüentemente, as “visitas de campo” não eram reduzidas, como se costuma fazer em trabalhos acadêmicos, a apenas uma ida ao local. Em todas as práticas, várias incursões eram feitas, no intuito de desencadear conversas variadas e de se fazer registros fotográficos dos problemas evidentes e das soluções auto-engendradas pelos próprios moradores dos bairros nas quais as práticas aconteciam.

No caso da feira de artesanato no bairro Jardim Canadá, um grupo de alunos da disciplina Artesanias Construtivas ficou responsável de se inteirar sobre o funcionamento e a dinâmica de uma feira que acontece semanalmente na sede do município de Nova Lima, a “Sexta na feira”, similar a que se pretendia implantar no bairro.

Verificou-se que praticamente todas as barracas eram adaptadas pelos feirantes, a fim de suprirem as suas necessidades específicas—a maior parte das barracas de artesanato apresentava improvisos de prateleiras e suportes para a exposição dos produtos— e/ou de se criar alguma distinção entre a sua barraca e as demais. A partir dessa constatação, pudemos, então, definir nosso objetivo: a construção de próteses para as barracas, que pudessem atender as variadas necessidades dos feirantes.



Figura 2: Artesanias Construtivas  
Mapeamento das adaptações feitas pelos feirantes em feiras similares  
Fonte: [www.arq.ufmg.br/praxis/blog/artesanias\\_construtivas](http://www.arq.ufmg.br/praxis/blog/artesanias_construtivas)

No caso da disciplina Oficina de Arquitetura e Urbanismo em Assentamentos Precários, no bairro Capela Velha, as questões nas quais os alunos e moradores se envolveram foram discutidas em reuniões, que aconteceram à noite e nos finais de semana, ou seja, em horários que garantissem ou, pelo menos, facilitassem a presença dos moradores no bairro. As conversas eram informais, evitando-se, assim, questionários retóricos, indutores de respostas supostamente sabidas.



Figura 3: Capela Velha - reuniões com moradores do bairro  
Fonte: [www.arq.ufmg.br/praxis/blog/dialogos\\_nova\\_lima](http://www.arq.ufmg.br/praxis/blog/dialogos_nova_lima)

Depois de vários encontros, foram eleitos pelos moradores cinco temas a serem trabalhados. Alguns, evidentes, como rede de esgoto sanitário, pavimentação e drenagem; outros, evidenciados a partir dessas conversas, como o projeto e construção da capela do velório, a transformação da entrada do bairro em praça e a adequação do campo de futebol.

O nosso intuito era abrir o leque das opções existentes para cada questão elencada, para, em seguida, analisarmos a pertinência ou não de determinadas soluções, ou seja, procurávamos sempre *problematizar os problemas*, como também as soluções que surgem como “naturais”.

Com isso, para todos os problemas apontados foram discutidas possibilidades além daquelas comumente aceitas e implantadas, como no caso da pavimentação das ruas, cuja resposta imediata é sempre o asfalto. Considerando que o bairro Capela Velha se encontra em uma região cujo solo possui baixa permeabilidade, a solução do asfaltamento dificultaria a pouca infiltração existente das águas pluviais. Além disso, os moradores usam as ruas do bairro não apenas para circular, mas também para conversar, brincar, encontrar, e o asfaltamento, com certeza, aumentaria a velocidade dos carros e motos que por lá circulam, desconstruindo hábitos de vizinhança considerados importantes pelos próprios moradores.

Os alunos, então, apresentaram outras possibilidades de pavimentação, inclusive com um levantamento de custos e detalhes construtivos para uma drenagem adequada. Espaços de

encontros foram preservados ao longo das vias principais. Não era nosso intuito a execução dessa obra, esse material serviria como documento para negociações com o poder público, o que de fato aconteceu.

Outra estratégia acionada nas práticas acadêmicas era a de identificar as habilidades dos moradores, como também os materiais disponíveis no entorno. As soluções encontradas deveriam incluir esses fatores, o que, com certeza, facilitaria a viabilidade da sua execução. No caso, novamente, do bairro Capela Velha, a construção do muro de arrimo lateral á praça da entrada, só foi possível porque pedreiros e jardineiros do bairro agregaram seus conhecimentos e suas ferramentas à solução apresentada.

Além das habilidades locais, buscávamos identificar materiais que pudessem viabilizar a execução das atividades. Na Casa da Ivete, quase todos os materiais usados foram obtidos por doação, seja porque eram resíduos de alguma empresa, como a calçada portuguesa e corpo de prova usados no piso, ou pelo fato da ação ter sensibilizado parceiros no bairro, como foi o caso da tinta de terra.



Figura 5: Casa da Ivete  
Materiais usados na reforma  
Pedra portuguesa, corpos de prova de concreto, pallets, etc  
Fonte: programadesejaca.wordpress.com

Outro ponto importante percebido durante as oficinas se refere ao nosso posicionamento, como especialistas e profissionais de um determinado saber. Não se tratava de impor soluções externas e desvinculadas dos saberes das pessoas envolvidas nas ações propostas, como também não se trata de adotar uma postura idealizadora com as soluções cotidianas, como se elas guardassem uma verdade incontestável, apagando todo o saber técnico da academia.

Encontramos em Arantes (2002) algumas reflexões interessantes sobre o papel do arquiteto nos movimentos sociais, cuja importância reside, principalmente, em seu conhecimento técnico. Entretanto, é também por meio desse conhecimento que pode surgir o controle e o domínio do saber acadêmico sobre o manual. Nesse dilema entre a condescendência e o

autoritarismo, o limite é dado pelo laço coletivo, construído durante todo o processo de criação e tomada de decisões.

Associadas a essa questão, é comum encontrarmos demandas e soluções espaciais, tanto na ordem do individual, quanto do coletivo, que reproduzem, sem contestação ou crítica, as soluções dadas pelo mercado e naturalizadas pelo senso comum, como por exemplo, a demarcação de lotes individuais, a construção de muros e cercas altas; adoção de sistemas construtivos convencionais na construção das edificações; reprodução de detalhes decorativos nas fachadas e interiores das casas, etc.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1983, p.33), chama a atenção para uma possível construção de um ideal de ascensão por parte do oprimido associado ao papel do seu opressor. Freire atribui esse fato à “imersão” de todos a essa realidade, o que levaria à “aderência” do oprimido aos valores do seu opressor. Caberia a nós, arquitetos, questionar as soluções que estão vinculadas a estes ideais, tirando-as da zona de naturalização na qual elas se encontram. Como sugere Freire (REF apud ARANTES, 2002, p.186), é necessário apresentarmos uma “contradição não antagônica”, ou seja, abrir novas possibilidades, mas sem antagonizar.

Diante do exposto, podemos inferir, que o nosso papel nestas práticas deve ser o de um propositor, que, a partir dos problemas e potencialidades identificados, como também dos recursos humanos e materiais disponíveis, dispara uma ação, provocando uma interação entre os envolvidos e desencadeando soluções planejadas e não-planejadas. Problematizar os problemas e desconstruir paradigmas é um bom começo para se chegar a elas.

### **3.2. Da linguagem cifrada às mídias abertas e diversificadas**

Se no discurso vigente a normatização da representação é anunciada como sendo importante para a comunicação entre os profissionais de arquitetura, ao mesmo tempo, ela estabelece códigos cifrados, excluindo da cena das decisões construtivas todos aqueles que não possuem os mecanismos de acesso para sua tradução. Em outras palavras, anunciada como universal, a representação técnica funciona na prática como instrumento de produção e reprodução de uma restrição ao acesso de todos os envolvidos às discussões e decisões relacionadas à informação e ao conhecimento arquitetônico. Ciente dessa limitação, buscávamos usar variadas linguagens nas discussões com os moradores, tais como maquetes físicas e eletrônicas, fotomontagens, cartilhas ilustrativas.



Figura 6: Casa da Ivete- Imagens da Maquete  
 Fonte: programadesejaca.wordpress.com



Figura 4: Artesanias Construtivas  
 Desenhos, maquetes e protótipos das soluções desenvolviadsa  
 Fonte: www.arq.ufmg.br/praxis/blog

Porém, como pretendíamos que o envolvimento dos moradores acontecesse também na construção das soluções, percebemos que quando estávamos nos locais das intervenções, ou manuseando os materiais com os quais trabalharíamos, os moradores ficavam mais à vontade para opinar e sugerir, como, por exemplo, no Capela Velha. Durante a fase de apresentação de propostas e desenhos, a participação dos moradores era tímida. Mas, durante a construção do muro, as interferências foram maiores, principalmente daqueles cujo ofício está relacionado à construção.



Figura 8: Capela Velha- mutirão para a construção do muro de pneus  
 Fonte: www.arq.ufmg.br/praxis/blog

Outra tática usada para que a comunicação entre todos fosse ampliada foi a de tomarmos decisões quase que ao mesmo tempo em que elas eram construídas. Essa mudança na

maneira de trabalhar foi vivida no workshop do evento Cidade Eletrônica. As idéias iniciais dadas pelo propositor convidado, um arquiteto venezuelano<sup>10</sup>, foram croquizadas a partir das estruturas dos bancos de ônibus obtidas em um desmanche.



Figura 5: Cidade Eletrônica- Discussões e croquis  
Fonte: programadesejaca.wordpress.com

Em seguida, foram feitas algumas simulações de montagem, imediatamente testadas na escala 1:1 e documentados. Se o papel e a câmera fotográfica registravam tudo, o corpo era a nossa medida, e com ele verificávamos tanto os quesitos de conforto e funcionalidade, quanto os construtivos e os compositivos.



Figura 6: Cidade eletrônica- Confeção da arquibancada I e testes ergométricos  
Fonte: programadesejaca.wordpress.com

Outro ponto importante relativo à informação se refere à sua divulgação. Como se sabe, toda informação para ser ampliada necessita ser difundida também. No caso da produção e a reprodução dos saberes construtivos instituídos pela ciência, para permanecerem hegemônicos, são difundidos pela imprensa especializada, como também pelas mídias publicitárias, tais como as revistas e novelas de televisão. Dessa forma, apenas algumas tecnologias construtivas e referências de “bom gosto” são absorvidas como oficiais e legítimas.

Entretanto, em tempos de internet, existe a possibilidade de fazermos também uma divulgação de outro tipo de informação e conhecimento, que possam contribuir para outra

<sup>10</sup> Arquiteto Alejandro Hajek

percepção e abordagem das várias realidades existentes. Cientes dessa capacidade de infiltração contra-hegemonica da internet, todas as atividades do grupo PRAXIS são divulgadas na rede ciberespacial, permitindo seu acesso e uso por mais pessoas, sejam profissionais da área—inclusive artífices da construção, sejam simplesmente interessados na produção do espaço, tanto do espaço público, como privado.

### 3.3. Do projeto-desígnio ao projeto-ação

Chegamos ao terceiro deslocamento, que se refere à relação do projeto com a sua execução e a gestão, e que denominaremos projeto-ação. Para que este deslocamento seja possível havemos de buscar a aproximação de duas temporalidades distintas, a do projeto relacionada com um tempo futuro, e a da execução, totalmente presentificada. Essa disjunção temporal está relacionada aos preceitos capitalistas, cujo modo de produção das técnicas está baseado em um tempo linear, que busca a produtividade e a eficiência.

Para a desmistificação desse tempo eficiente, recorreremos a “ampliação do presente” proposta por Boaventura de Souza Santos (2002), sem a qual, segundo ele, não acontecerá de fato uma “ecologia de saberes”. Em uma ótica ampliada e diversa da realidade, não é mais possível considerarmos a “redução da multiplicidade dos tempos ao tempo linear” (SANTOS, 2012, p.243), importante apenas para a permanência da noção de progresso, baseada exclusivamente em uma razão tecnológica científica, motoras dos modos de produção capitalista.

O tempo do projeto-ação não é funcional, nem puramente linear e cronológico. O projeto arquitetônico não acontece apenas antes da construção, separado por uma boa compatibilização entre ele e os demais projetos da obra. O tempo do projeto-ação é o do “ato em processo”, ou seja, do ato atravessado por planejamento prévio, flexível e aberto, e também da execução e das providências que extrapolam o projeto e a obra, pelo imprevisto e pela revisão diária do planejado. Esse foi o tempo das oficinas relatadas nesse trabalho. As atividades não seguiram a lógica da organização enrijecida e da produtividade a qualquer preço. Em algumas das oficinas houve um planejamento maior que em outras, cada uma demandou um ritmo. Mas ajustes e revisões foram necessários e feitos sempre.

No caso do mutirão para a construção do muro de arrimo de pneus da praça no bairro Capela Velha se passaram vários meses desde a primeira conversa com os moradores do bairro até o dia da execução do muro. As soluções foram discutidas depois que os *próprios problemas foram problematizados*. Por outro lado, as soluções foram articuladas a partir de um leque grande de opções pesquisadas, e quando o objeto a ser edificado foi finalmente

definido– um muro de arrimo para a contenção de uma lateral da praça do bairro– o objetivo passou a ser a pesquisa sobre os modos disponíveis e possíveis para a sua realização. Por sua vez, a decisão sobre a tecnologia a ser usada–um muro de arrimo de pneus–demandou várias providências, passando pela convocação de mais moradores para essa empreitada, pela busca por parcerias e doações, como também levantamento dos custos e distribuição das tarefas.

Mesmo durante a execução do muro, novas definições surgiram, seja para que dúvidas remanescentes fossem resolvidas –como àquela, já relatada nesse trabalho, relativa ao trespasse dos pneus, como também novas definições–, ou para que novos assuntos fossem abordados, como por exemplo, a escada de ligação entre os dois platôs, e as providências necessárias relativas à montagem dos canteiros entre as fiadas de pneus.

Em uma situação cujo parâmetro fosse apenas o custo, possivelmente as horas despendidas de todas as pessoas envolvidas em todo o processo seriam motivo para considerá-lo inviável. Entretanto nossas referências para sua legitimação não se baseavam apenas em ganhos mensuráveis por números. Nesse tempo ampliado, o que importava não era exclusivamente se chegar a um produto, mas agregar pessoas em torno de uma ação, na qual se buscava interesses comuns entre elas, e, principalmente, que essa ação provocasse o aprendizado de uma tecnologia alternativa àquelas oferecidas pelo mercado, e que pudesse ser replicada em outras situações similares, coletivas ou individuais.

No workshop do evento Cidade Eletronika, o tempo curto que tínhamos, uma semana, provocou uma grande velocidade nas decisões. No primeiro dia, fomos ao desmanche de ônibus, no qual compramos as peças necessárias para nossa empreitada. Vale dizer que tínhamos uma verba bastante definida e reduzida, o que exigiu que fosse feita uma boa negociação com o gerente do desmanche.



Figura 7: Cidade Eletronika  
compra de material para a confecção da arquibancada em um desmanche de ônibus  
Fonte: programadesejaca.wordpress.com



Em seguida, nosso propositor expôs algumas idéias, a partir das quais fizemos algumas simulações com as peças obtidas. Quando, enfim, as configurações da estrutura da arquibancada e do deck foram definidas, as tarefas foram divididas, o que não impediu que todos circulassem pelas diversas etapas, afinal, novos impasses e, conseqüentemente, novas definições surgiram o tempo todo. A invenção surgia, assim, dos possíveis (materiais e humanos), como também do imprevisto, que encontrava no imprevisto a sua “perfeita tradução”.

Apesar dos quesitos principais não serem a eficiência e a produtividade, conseguimos ambos com poucos recursos, e, ainda, sem nos apoiar em um planejamento rígido, cujas etapas de trabalho se sucederiam linearmente. Nesse tempo condensado, nosso objetivo foi obtido, a ocupação de um espaço público da cidade foi feita de maneira informal e inteligente, e as várias formas de apropriações encontradas pelas pessoas que participaram do evento final extrapolaram o que foi imaginado por nós.



Figura 8: Cidade Eletronika  
Dia da ocupação da Rua Sapucaí- BH  
Fonte: programadesejaca.wordpress.com

A experiência do workshop nos remeteu ao conceito de *resíduos* proposto por Lefebvre, e de fazer *poiético*, no qual o desafio é de juntar e potencializar esses resíduos, para, então, “tirar deles novas formas”. (LEFEBVRE, 1967, p. 378). Entretanto, não estamos nos referindo a *poiésis* das formas puras, como nas Belas Artes, nem daquela que se origina da junção entre forma e conteúdo, como no modernismo funcionalista. A *poiésis* que encontramos nas experiências vividas é a do jogo social, do imprevisto, do comum, do ordinário, do resto (LEFEBVRE, 1967, p. 271).

## 5 CONCLUSÕES

A dificuldade percebida nos alunos em vincular prática e teoria pode ser associada ao que Agamben traduz como “incapacidade de fazer e transmitir experiências (...), incapacidade de traduzir-se em experiência”. (AGAMBEN, 2008, p.22). Citando Francis Bacon, ele localiza no projeto da ciência moderna a condenação da experiência ao terreno privilegiado do

laboratório, acesso apenas pelo “lume” da verdade da razão, eliminando, desse modo, o acaso, o descontínuo, o avesso. (IDEM, p. 25)

Afinados com estas percepções, nas oficinas aqui relatadas, ampliamos o foco e percebemos que o lume não precisava ser acesso somente pela razão e pela ciência, o aprendizado veio também do acaso e do cotidiano e, experimentar, então, passou a ser o mesmo que vivenciar. Intuições e experiências já vividas pelos alunos eram convocadas a disparar um processo de construção de saber. Dessa forma, as percepções e teorizações de cada um se agregavam umas as outras, como também aos saberes já formalizados na literatura, na tentativa de se construir conhecimentos e soluções para a problemática posta. Com isso, saberes de várias ordens, adquiridos de diversas maneiras eram associados para uma abordagem inaugural, tendo em vista a novidade da questão posta em jogo, ou seja, conhecimentos já existentes arejados pelo frescor da situação.

Podemos afirmar que houve nestas oficinas um grande avanço no que diz respeito à interação da teoria com a prática, dos saberes normativos com os saberes empíricos experimentais, da academia com a realidade cotidiana. Inspirados por Santos (2002) buscamos sempre por um cruzamento de saberes, e consideramos que tais saberes podem acontecer em “todos os lugares onde o saber é convocado a converter-se em experiência transformadora” (SANTOS, 2002, p.20), provocando com isso, um descentramento da própria universidade como lugar de saber exclusivo e privilegiado.

Apesar das dificuldades encontradas, o balanço feito pelos alunos foi que houve um grande avanço no que se refere à aproximação do processo intelectual do projeto com o fazer experimental das oficinas, sem predominância e hierarquia de um em relação ao outro, em uma interação simultânea entre o desenhar e o construir que induziu outros meios de suporte da informação e comunicação entre as partes envolvidas, tais como protótipos, maquetes eletrônicas, fotomontagens, etc.

Em termos pedagógicos, foram situações nas quais todos deviam estar abertos a descobrir algumas soluções e inventar outras, ou seja, foram situações que o saber devia ser construído, e não apenas transmitido. Essa abordagem se aproxima do que Freire chamou de pedagogia da autonomia, na qual “ensinar não é transmitir conhecimentos”, formar não é dá forma, mas “criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Afinal, “não há docência sem discência (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1996, p.12)

Em quase todas essas situações, não chegamos ao final da disciplina com um produto construído e acabado, em função, justamente, da complexidade que pretendíamos abordar,

e que, nem sempre, permitia que todas as nossas metas coubessem no calendário acadêmico. Nessa abordagem pedagógica não se tratava de buscar produtos finais apenas, mas também de se investir em processos, repletos de incertezas, sem roteiro, sem garantias. E, justamente por se tratar de apostas, nossas práticas abarcaram incertezas, e indeterminações e multiplicidades. Sendo assim, reafirmamos que a idéia de “projeto acabado e compatibilizado” deveria ser substituída pela de “projeto-ação”, cuja incompletude não é entendida aqui como algo negativo, mas como desencadeador de intervenções e apropriações durante a sua execução e ainda depois, permitindo que a vida continue desenhando e redesenhando os espaços.

Nossa proposta na aproximação entre saberes arquitetônicos e construtivos podia ter sido desenvolvida, como o é em muitas escolas, em canteiros experimentais implantados na própria instituição universitária. Entretanto, acreditamos ser importante que façamos um investimento no tripé ensino-pesquisa-extensão, ou seja, no nosso entender, não basta ser *inter* ou *tras-disciplinares* apenas entre nossos pares da academia, é fundamental buscar e valorizar o caráter investigativo e inventivo das práticas fora das universidades, endossando assim a percepção de Boaventura de Souza Santos da extensão como sendo o futuro da universidade aberta (2005). Experimentamos, assim, uma dinâmica acadêmica mais integrada à cidade e à vida cotidiana.

Entretanto, para que tais práticas sejam potencializadas serão necessárias modificações na organização interna da própria instituição universitária. Houve sempre muita dificuldade de se obter apoio das instituições envolvidas, tanto a universitária, quanto poder público municipal, necessárias tanto para facilitar o deslocamento dos alunos aos locais onde as práticas aconteceram, como também para cobrir despesas diversas relacionadas com as execuções propostas nas oficinas. Ou seja, temos muitos desafios ainda por enfrentar...

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História. Destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapéco: Argos, 2009

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões**. São Paulo: Editora 34, 2002

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. 1996, Disponível em:  
<[http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia\\_da\\_autonomia\\_-\\_paulofreire.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf)>. Acesso: maio de 2012

\_\_\_\_\_. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.

SANTOS, Boaventura. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. *Educação, Sociedade & Culturas*, 23, 137-202, 2005. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>>, Acesso em: junho de 2012.

\_\_\_\_\_. **Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280, 2002. Disponível em:  
<[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RCCS63.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF)>. Acesso em: junho de 2012.